



ziguezague

[19]

[CRISTIANE MESQUITA]

Doutora em Psicologia pelo Núcleo de Subjetividades Contemporâneas da PUC-SP. Atua como pesquisadora, professora e consultora de projetos criativos e acadêmicos. É autora de *Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis* (Anhembi Morumbi, 2004) e diretora do documentário *Jardelina da Silva: eu mesma* (DVD, 55 min., Diphusa, 2006).

E-mail: kekei@comum.com

Cada década do século XX nos conduziu, mais e mais, a enxergar velocidades estampadas no corpo e a afirmar mudanças de corpo e de roupa como materializações da subjetividade.

Nos anos 1970, época que consolidou de vez o *prêt-à-porter* — a lógica do pronto-para-usar que comanda a oferta de produtos — a moda ainda funcionava numa cadência que implicava a espera. As clientes iam ao ateliê de costura com o tecido comprado e uma revista nas mãos. Medidas tiradas, detalhes definidos, voltavam algum tempo depois para a prova, uma vez mais para ajustes e, por último, para a retirada da peça. Nesse ritmo de século passado, a confecção de roupas para o dia a dia poderia durar algo como duas semanas.

Em plenos anos 2000, atolados numa cultura do movimento e acostumados a batalhar por um máximo de conquistas num mínimo espaço de tempo, a grande maioria de nós já não sabe mais esperar por nada, nem mesmo para fazer a barra de uma calça. O desenrolar da segunda metade do século intensificou nossa pressa e, na década de 1990, até mesmo a lógica das coleções sazonais cai por terra: o tempo se encurta entre os lançamentos, diante de um mercado ávido pelo "novo".

Não por acaso, a moda se torna signo da aceleração contemporânea. Senhora das novidades, máquina de verdades passageiras, esse modo de funcionamento orquestra o ritmo generalizado da sociedade de consumo, afirma velocidades de produção e comunicação de tudo aquilo que delinea nossos modos de vida e faz sobre os corpos

suas mais efetivas aparições. O vestir, entre outros tantos verbos, varia suas conjugações na velocidade da obsolescência e mantém a onda do desejo. Enorme parcela do sistema da moda veloz e pseudodemocratizada — essa que reduz o intervalo que já existiu entre as passarelas, os atacadões, as vitrinas do varejo e as bancas dos camelôs — trabalha sem nenhuma linearidade nas lógicas de produção, pura multiplicidade na divulgação e no consumo e um número avassalador de modismos. Pipocam por aí microcoleções mensais inspiradas no que está pegando no *youtube*, lançamentos semanais de acordo com a audiência da novela da TV, vitrinas diárias pautadas pelos *blogs* de celebridades. O *fast-fashion* — expressão que designa a produção rápida e contínua de coleções compactas, modelos novos, reposição incessante e preço barato — faz uma espécie de elegia à velocidade e realça ainda mais o papel da moda como estrela do império do efêmero¹, alegrando grande número de consumidores sedentos de constante renovação.

É nesse contexto que o estilista Jum Nakao cria *A costura do invisível*², trabalho apresentado na semana de lançamentos de moda de São Paulo, em junho de 2004. Esse acontecimento integrou a mostra *Desfiles incríveis* na primeira edição do *zigzague*³. Na mesa, a presença de Peter Pál Pelbart se fez com o texto *A ética do tempo*, no qual o filósofo apresenta uma precisa costura com o invisível que Nakao nos convida a adentrar. Sem menção alguma às primorosas roupas confeccionadas em papel, sem nenhuma referência à destruição do trabalho que consumiu cerca de 700 horas, sem se remeter a qualquer materialidade explicitada por Nakao, Pelbart nos brinda com a filosofia. Além de nos tornar ainda mais sensíveis às visibilidades exploradas no desfile, o autor faz reverberar aquilo que há de “vazio” e, ao mesmo tempo, aquilo que há de “possível” ali, naquela passarela coberta de papéis rasgados, assim como em nossa vertiginosa época.

[20]

A ética do tempo

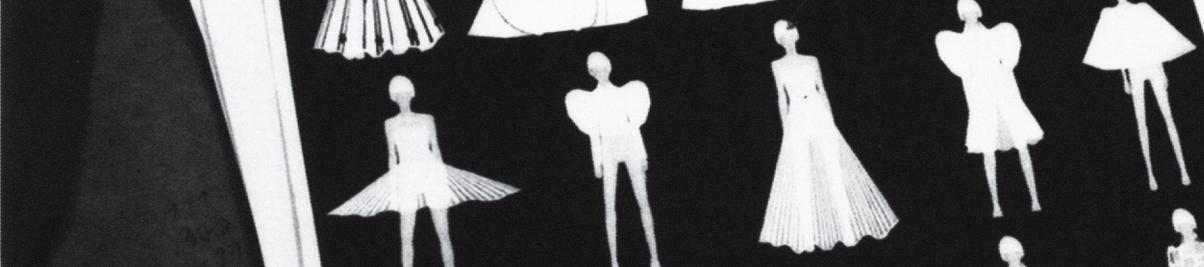
[PETER PÁL PELBART]

Filósofo e ensaísta. Nasceu em Budapeste, estudou em Paris e vive em São Paulo, onde é professor titular de filosofia no Departamento de Filosofia e na Pós-Graduação de Psicologia Clínica da PUC-SP. Escreve, principalmente, sobre loucura, tempo e subjetividade. Publicou, entre outros, *O tempo não-reconciliado* (Perspectiva, 1998), *A vertigem por um fio* (Iluminuras, 2000) e *Vida capital: ensaios de biopolítica* (Iluminuras, 2003). Traduziu vários livros de Gilles Deleuze. É coordenador da Cia. Teatral Ueinzz.

Qualquer reflexão sobre a chamada pós-modernidade gira em torno de uma mutação radical na experiência do tempo. Como o postulou Virílio, já não habitamos o espaço, com suas distâncias, nem o tempo, com suas durações, mas a pura velocidade. Experimentamos uma instantaneidade sem espessura que achata inteiramente nossa perspectiva temporal, reconfigurando a própria ideia de passado ou de futuro, de herança e continuidade.

Nesse contexto, foram varridos inúmeros valores que ancoravam nossas condutas, que encadeavam as gerações e garantiam uma continuidade civilizacional. Uma crise sem precedentes instalou-se no mais trivial cotidiano. Nietzsche pressentiu esse terremoto e seus efeitos, ao lançar de maneira provocativa a pequena frase “Deus está morto”. Não era uma constatação a respeito do fim das religiões, apenas. Ele queria dizer que os supremos valores desmoronaram, e que esse vazio que se abria era ao mesmo tempo assustador e auspicioso.

Se por um lado a velocidade do contemporâneo, e a rapidez com que faz desaparecer aquilo sobre o que se alicerça, está ligada a um sistema de produção de merca-



dorias, o qual inscreve a caducidade no âmago mesmo das coisas que produz, configurando um império do efêmero, é preciso reconhecer que no bojo desse movimento vertiginoso nossa civilização aproveita para pôr em xeque aquilo que a sustenta desde sua fundação, e que ela percebe subitamente não mais constituir um fundamento.

Diante de um tal vazio, e a perturbação que daí advém, é grande a tentação de recorrer nostalgicamente aos arcaísmos que parecem nos devolver “fundamentos” (vide fundamentalismos) ou, ao contrário, exultar cinicamente com o mais desregrado “vale tudo”. Alguns pensadores contemporâneos, porém, numa linhagem que vai de Nietzsche a Toni Negri, recusam ambas soluções (afinal, são complementares), e propõem experimentar esse vazio de valores e fundamentos como uma abertura de possíveis. A aposta é que desse vazio possam surgir novas formas de avaliar, em conformidade com as forças do presente e as necessidades do futuro.

Tocamos com isto num dos desafios mais radicais, que alguns chamariam de ético (em contraposição a moral): a avaliação dos modos de existência a partir deles mesmos, isto é, não segundo critérios da tradição, da religião, do mercado ou da ciência, mas da própria vida. A questão não mais seria se tal ou qual atitude está conforme com uma ideia de Bem, válida para todos ou para todo o sempre, mas se ela expande ou estreita a vida, se a enriquece ou empobrece.

Talvez sejam precisos instrumentos muito finos para detectar as novas maneiras de viver que surgem no presente contexto, bem como os novos valores que vão sendo afirmados, e que já não se pretendem universais, absolutos ou perenes, mas que são inventados e renegociados nas lutas do dia a dia, em função dos afetos e contágios do presente. Com eles, vai sendo deslocada a fronteira entre o que é desejável e o que é intolerável, redesenhando a ética social.

A desterritorialização contemporânea é assustadora e libertária a um só tempo, e o desafio, do ponto de vista ético, num contexto de tamanha velocidade e vertigem, talvez seja precisamente instalar-se neste e, para, a partir dele, estar atento *para o que morre e, ao mesmo tempo, para o que vem vindo*. É uma estranha justiça, esta que não defende incondicionalmente o direito herdado dos ancestrais, com seus valores instituídos, que como Goethe postula que tudo que nasce merece perecer, e também reivindica o direito daqueles que ainda não nasceram, e do que lhes cabe viver.

[21]

NOTAS

[1] Referência ao título *O império do efêmero*, abordagem de Gilles Lipovetsky sobre a instauração e consolidação do sistema da moda como lógica de funcionamento (São Paulo, Companhia das Letras, 1989).

[2] Disponível em: <<http://www.jumnakao.com.br/cstrdnsvl.html>>.

[3] *A costura do invisível* foi apresentada no *zigzague: desfiles incríveis, conversas transversais, oficinas transitivas* (evento paralelo ao São Paulo Fashion Week, realizado pelo MAM e Senac São Paulo, disponível em <<http://zigzagueblog.blogspot.com>>), em 27 jan. 2007, com comentários de Magnólia Costa, Peter Pál Pelbart e Rosane Preciosa.